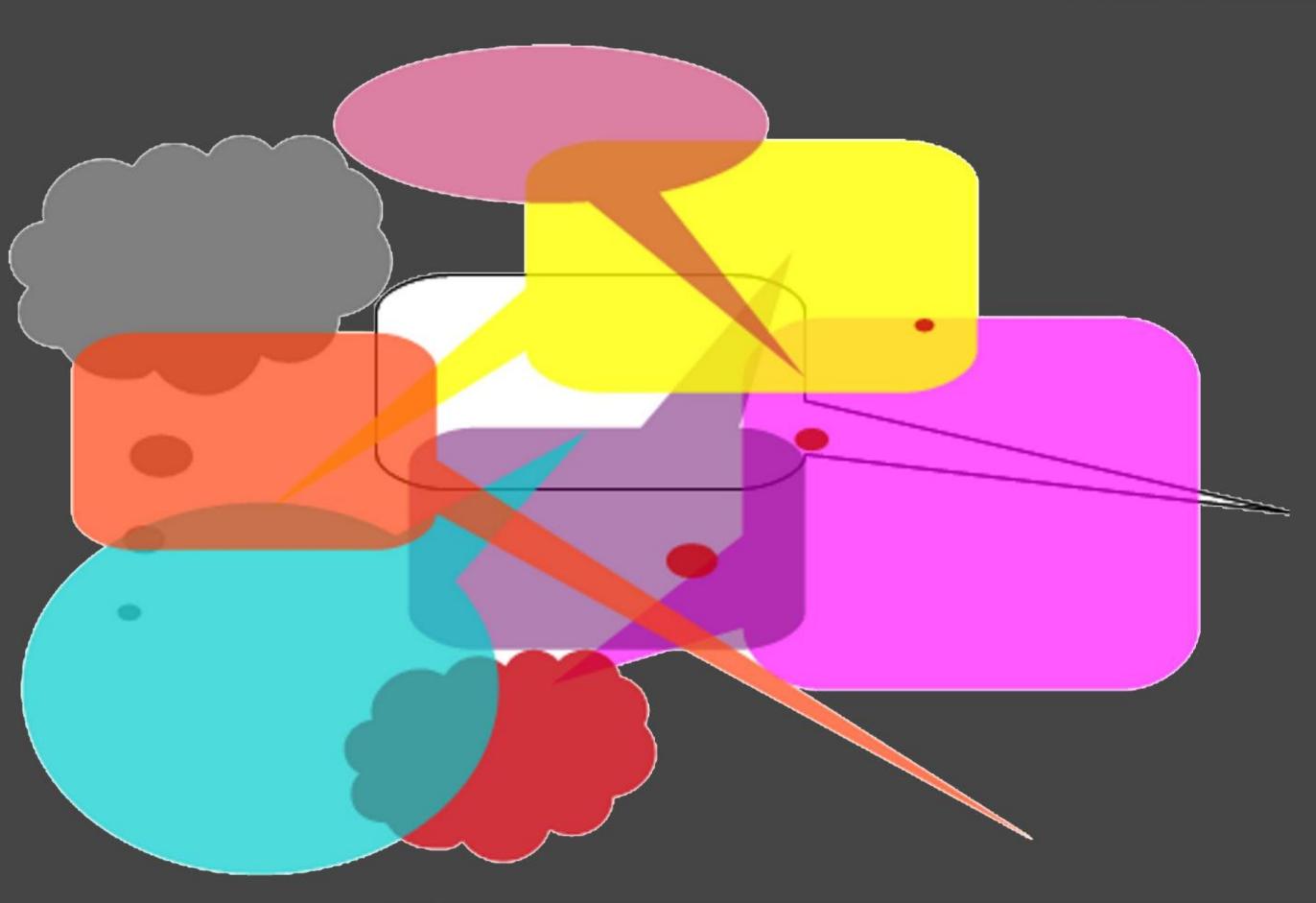


Revolta dos Malês



mil histórias numa só

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FLH 0341 – HISTÓRIA DO BRASIL INDEPENDENTE I
PROF^a ZILDA MÁRCIA GRÍCOLI IOKOI
1º SEMESTRE – 2012**

**REVOLTA DOS MALÊS
MIL HISTÓRIAS NUMA SÓ**

Carolina Pedro Soares
Leandro Rodrigues
Paula Mikami
Polyana Pereira Marin
Rubens Baldini Neto
Sofia Gonçalez
Wine Viana da Silva
Yasmim Sumires Cabral

São Paulo

Caro leitor,

Essa é uma narrativa diferente.

Não tenha pressa de ir da primeira à última página de modo linear, siga as histórias!

Dependendo do caminho que pegar, acompanhará um personagem e uma história diferente!

Só um lembrete: antes de começar, prepare-se com os boxes das próximas páginas.

Se quiser, confira o mapa da cidade de Salvador na época do levante, na página 48.

Aproveite os espaços em branco para desenhar. Solte sua criatividade para mostrar como você imagina a cena que está lendo.

Divirta-se!

O que são escravos de ganho?

A cidade de Salvador possuía uma economia baseada na escravidão, que girava em torno da cana-de-açúcar produzida na região denominada de Recôncavo, terras que circundam a Baía de Todos os Santos. Ali também se plantava o fumo, que era exportado para a Europa e para a África. Na África, o fumo era utilizado na compra de escravos. No Recôncavo, os escravos eram empregados em todo tipo de atividade rural.

Os escravos eram explorados, também, nas vilas e cidades, sobretudo na capital, onde realizavam o trabalho doméstico, ou eram empregados em diversos ofícios, como pedreiro, sapateiro e ferreiro, ou nas atividades do mar como marinheiro, por exemplo.

Na escravidão urbana os negros tinham maior independência do que na escravidão rural, o que facilitou em muito a organização do movimento de 1835. Na maior parte dos casos, os escravos percorriam a cidade trabalhando para seus próprios senhores ou contratados por terceiros para serviços esporádicos. Chamados de “negros de ganho”, esses escravos deveriam entregar a seus senhores certa quantia diária ou semanal de dinheiro. O que ultrapassasse poderia ficar com eles. O escravo que conseguisse poupar poderia, depois de muitos anos, comprar sua liberdade, e muitos assim o fizeram. Alguns chegavam a tornar prósperos homens de negócio.

Muitos desses “negros de ganho” não moravam com seus senhores, mas em associações com outros escravos ou com escravos libertos, os chamados “cantos de trabalho”. Lá, eles se organizavam por grupos étnicos e de religião. Foram nessas associações que começaram as ideias do levante. Se você quiser saber mais sobre as conspirações, leia os boxes da página 4 e 5.

Levante é uma espécie de revolta. Acontece quando um grupo de pessoas insatisfeitas com a situação em que se encontra se reúne e parte para a luta com o objetivo de transformar a realidade.

Muitos dos malês eram **letrados**, sabiam ler e escrever, inclusive em árabe, e por isso eram utilizados pelos seus senhores em atividades mais específicas nas cidades, portanto trabalhavam como **escravos de ganho**.

Os nagôs e o Islã na Bahia

Os nagôs envolvidos na rebelião de 1835, quando perguntados pelas autoridades sobre suas origens, com frequência se diziam nagô-ba, nagô-oiô, nagô-jabu, significando que vinham de subgrupos iorubás, isto é, eram da mesma região, de subgrupos diferentes. O Islã (ver página 6) teria facilitado essas **alianças étnicas** importantes no Brasil, ou seja, de grupos de origens diferentes como entre os iorubás e haussás, inimigos em suas próprias pátrias. As **guerras** na África entre os diversos grupos foram responsáveis pela transformação de milhares dos habitantes locais em prisioneiros, que eram vendidos como escravos aos traficantes do litoral, e daí exportados para a Bahia. E o Islã foi também mecanismo de fortalecimento de **identidade étnica**. Naquela fronteira em que as duas religiões se encontravam – catolicismo e islamismo –, os nagôs como um todo, malês e filhos de orixá, também se encontravam. E se encontravam como grupo étnico, quer dizer, como pessoas que falavam a mesma língua, tinham **histórias comuns**, em muitos casos haviam obedecido aos mesmos reis africanos.

Em 1835, a grande maioria dos escravos da Bahia nascidos na África era realmente de língua iorubá. Eram como nagôs. Muitos deles professavam a religião **muçulmana**, embora a maioria dos nagôs fosse de fato adepta do candomblé dos orixás.

As reuniões dos malês — feitas nas casas de libertos, nas senzalas urbanas, nos cantos de trabalho — misturavam **conspiração, rezas e aulas** em que se exercitavam a recitação, a memorização e a escrita de passagens do Corão, o livro sagrado do Islã. O próprio levante foi marcado para acontecer no final do **mês sagrado** do Ramadã, o mês do jejum dos muçulmanos. Os malês foram para as ruas guerrear usando um **abadá branco**, espécie de camisolão tipicamente muçulmano, além de também carregar em volta do pescoço e nos bolsos **amuletos** protetores, que eram pequenos pedaços de papel com rezas e passagens do Corão dobradas e enfiadas em bolsinhas de couro ou pano. Esses amuletos eram confeccionados por **mestres muçulmanos**, muitos deles líderes da revolta, que teriam dado a seus seguidores suas bênçãos e a certeza da vitória.

Pacífico Licutan, escravo de etnia nagô, era alto, magro, velho e respeitado alufá dos Malês. Muito sábio e letrado, trabalhava enrolando fumo no Cais Dourado, e quando podia, passava seus ensinamentos do Islã para os mais jovens em seu quarto, na casa de seu senhor Varella, no Cruzeiro de São Francisco.

Muitos jovens rebeldes malês iam ao seu encontro para receber a *baraka* (bênção dos distintos) e pedir força para a batalha. Pacífico Licutan entregava para seus discípulos uma pequena bolsinha de pano com escritos em árabe e pequenos objetos considerados sagrados, os chamados *patoás*.

Sua atuação no levante foi mais de líder espiritual e de organização do que de ação física propriamente dita, devido a sua já avançada idade.

Seu nome vem de Lakitan ou Olakutan. Em iorubá, quer dizer a riqueza nunca acaba. Ironia trágica para um homem escravizado que só tinha como riqueza a própria sabedoria trazida de sua terra natal na África. Ele também tinha um nome em árabe tão simbólico quanto o primeiro: Bilâl, o mesmo nome do primeiro *muezim*, um negro e discípulo próximo do profeta Muhammad. Na África Ocidental, *Bilâl* tornou-se a própria designação do cargo de *muezim*, isto é aquele que “puxa” os fiéis a reza e assessora o imã nos serviços da mesquita.

Licutan foi preso em novembro de 1834, pouco antes da revolta e, até sua prisão, seus discípulos juntaram o montante necessário para alforriá-lo, mas seu senhor, um homem amargurado e vingativo, não lhe concedeu a liberdade. Na prisão, o velho alufá, forte, influente e audacioso não resiste e começa a chorar quando recebe um aviso de seus companheiros sobre os rumos do levante.

O rebelde havia sido inadequadamente batizado de Pacífico por seu senhor, pois nunca perdeu a vontade de lutar.

Apesar de escravos e libertos de diferentes etnias terem participado do movimento, a organização se deu por conta dos malês.

A situação dos negros sempre foi difícil, mas a revolta começa a ser planejada após a destruição da mesquita da Vitória, reduto de escravos africanos que professavam a religião islâmica, e da prisão de dois importantes líderes religiosos muçumanos.

A revolta envolveu cerca de 600 homens, o que pode parecer pouco, mas, levando em conta o número de habitantes de Salvador na época, equivaleria hoje a 20 mil pessoas.

Os objetivos dos rebelados não foram totalmente esclarecidos: queriam de fato a sua libertação, mas nada indica que queriam a liberdade de todos os escravos do Brasil. Há depoimentos que os acusam de terem planejado a escravização de mulatos e o massacre de brancos e negros nascidos na Europa e no Brasil, mas não existem provas concretas para afirmar isso.

O que é o Islamismo?

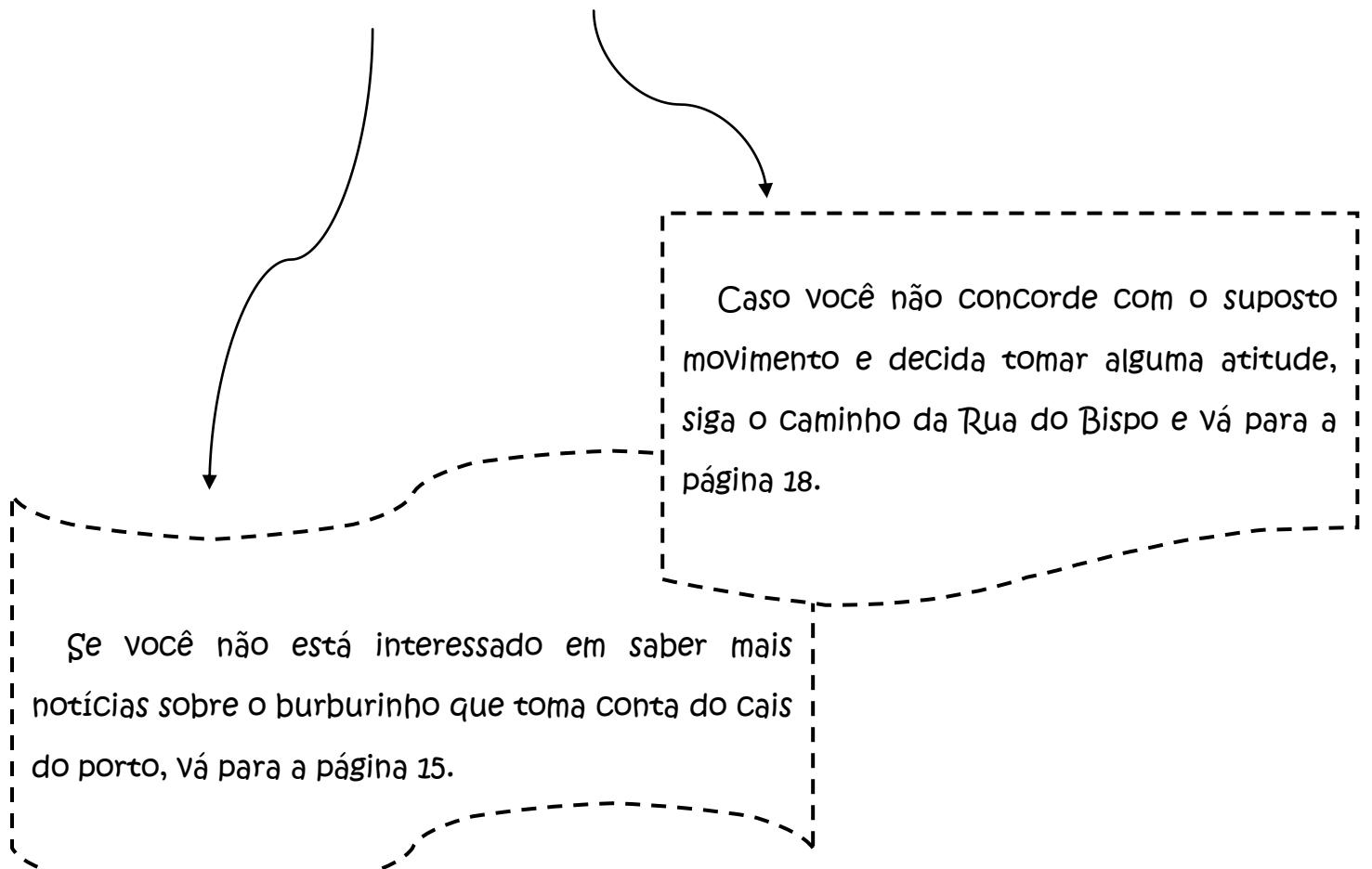
O islamismo é uma religião monoteísta, que acredita na existência de único Deus, baseada nos ensinamentos de Maomé (chamado O Profeta), contidos no livro sagrado islâmico, o Alcorão ou Corão.

A palavra *islã* significa submeter-se a obediência, à lei e à vontade de Alá (Allah, Deus em árabe). Seus seguidores são chamados de muçulmanos – muslim, em árabe, por esta palavra significar aquele que se subordina a Deus. Os muçumanos, portanto, são adeptos à religião islâmica. Fundado na região da atual Arábia Saudita, o islamismo é a segunda maior crença do mundo. Perde apenas para o cristianismo em número de adeptos. Seus fiéis se concentram, sobretudo, no norte da África e na Ásia.

Sábado, o que você fez hoje?

- 1 Ficou reunido com os companheiros. Vá para a página 11**
- 2 Passou o dia todo no cais, ouvindo a boataria pela cidade. Vá para a página 8**
- 3 Fez a ronda pela cidade. Vá para a página 20**
- 4 Ficou em casa, pensando na festa de amanhã, Vá para a página 10**
- 5 Dormiu após um longo dia de trabalho, Vá para a página 9**

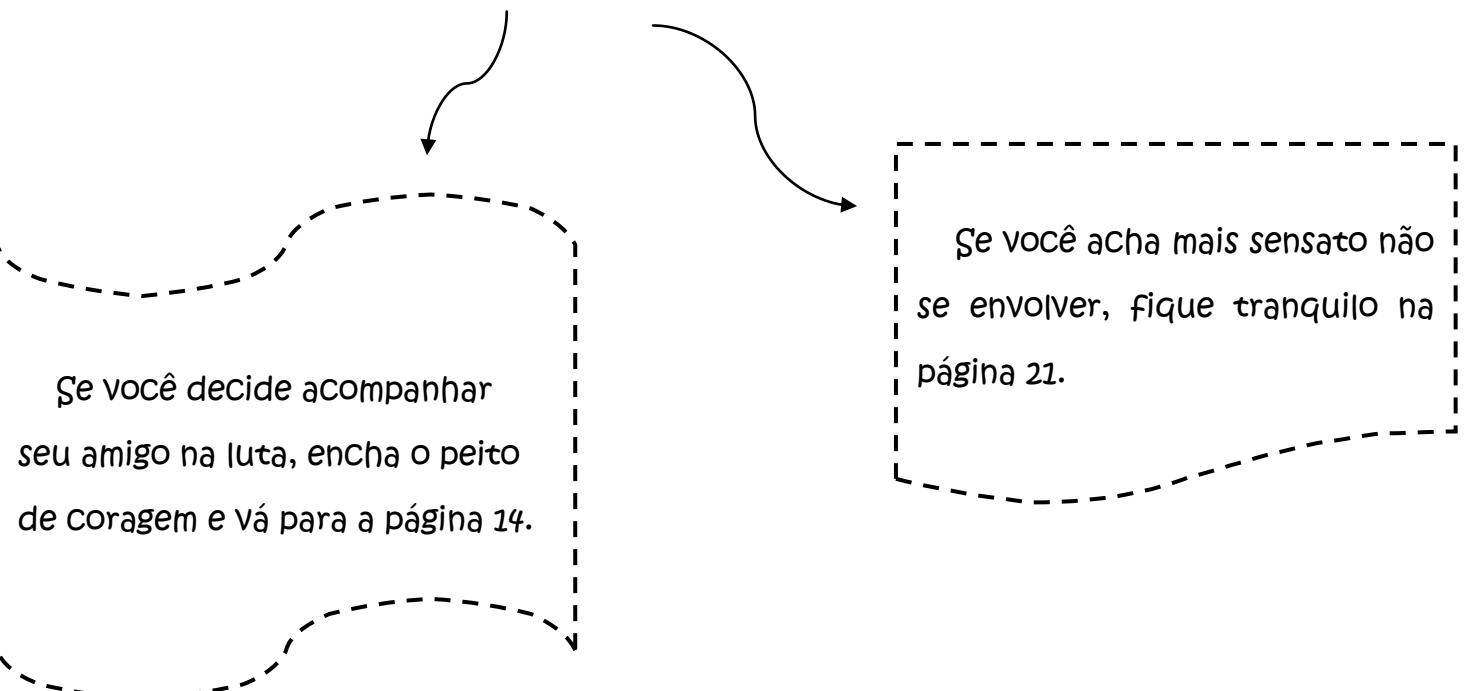
Você está em **Salvador**, no bairro comercial de Conceição da Praia, mais especificamente no cais do porto e, durante todo o sábado, ouviu rumores e até participou de algumas conversas sobre o movimento que estava marcado para acontecer na **madrugada** do dia seguinte. A agitação e fofoca tomaram conta de todo o local. Já é meio da tarde e você está apreensivo.



Caso você não concorde com o suposto movimento e decida tomar alguma atitude, siga o caminho da Rua do Bispo e vá para a página 18.

Se você não está interessado em saber mais notícias sobre o burburinho que toma conta do cais do porto, vá para a página 15.

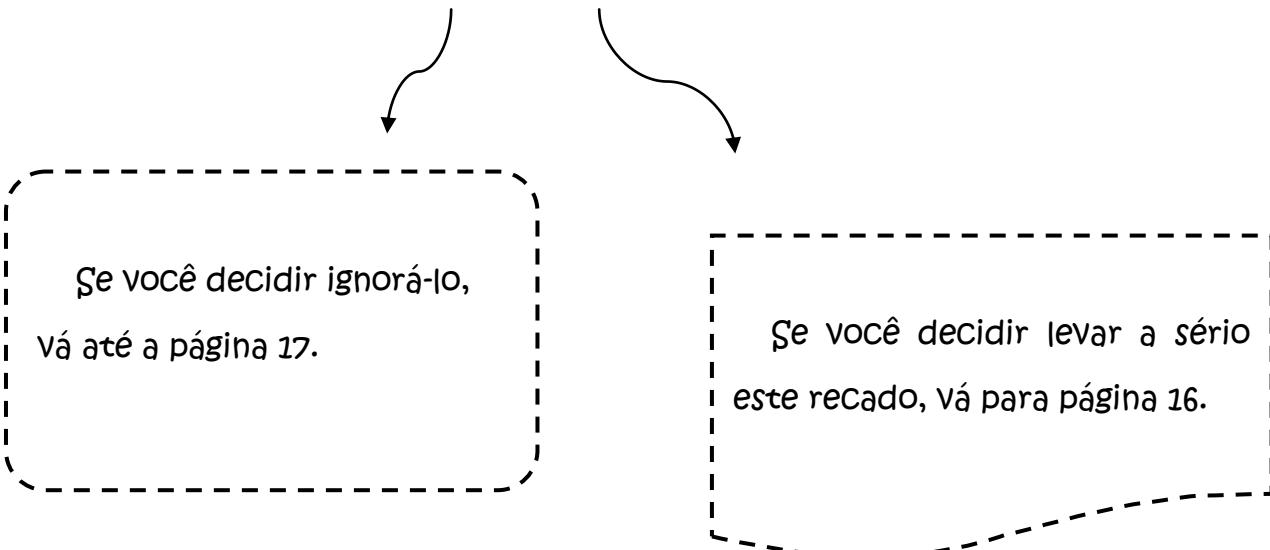
Você está na cidade de Salvador, dormindo, na madrugada de 25 de janeiro de 1835. Você deveria estar em algum outro lugar, mas pegara no sono. Há outros negros dormindo na mesma casa que você. Lá pelas 5 da manhã, vocês deveriam sair para buscar água na fonte. Antes disso, ouve gritos do lado de fora e acorda. Um negro seu amigo, Gaspar, arrebenta a janela, dizendo que vinha de um armazém da ladeira da Praça, que uma luta contra os brancos havia começado. Gaspar estava descendo para o quartel do colégio.



Sábado, 24 de janeiro de 1835. Você havia passado o dia todo ocupado, organizando-se para a festa que aconteceria no dia seguinte. Seria um dia importante para os “homens de valor” da comunidade. Comemoravam todos os anos o dia de Nossa Senhora da Guia com uma grande festa, que fazia parte das atividades em homenagem ao Senhor do Bonfim. Nessa festa, se reuniam em uma grande celebração em uma área um pouco afastada do centro, mais próxima à zona rural, afinal, é dela que a “ilustre” comunidade tirava seu sustento.

Batem à sua porta. Você abre para o afoito visitante.

Com cara de preocupado, ele te dá um recado.



Se você decidir ignorá-lo,
vá até a página 17.

Se você decidir levar a sério
este recado, vá para página 16.

O alfaiate mulato Domingos de Sá mora com sua mulher em um sobrado da ladeira da Praça (a duas quadras da Praça do Palácio), onde no térreo há um armazém. Você está na cidade da Bahia, neste armazém. É madrugada, 25 de janeiro, domingo, dia da festa de Nossa Senhora da Guia. É por volta de uma da madrugada e junto com você está o Pai Manoel, negro liberto de origem nagô, velho e respeitado por seus conhecimentos no Islã. Ele ficou conhecido como Manoel Calafate, por conta de seu trabalho de tapar buracos em navios, denominado “calefetar”. Além de Manoel, morador do armazém, há também um punhado de outros negros escravos que professam o islamismo. Há ainda libertos de etnia nagô, como Joaquim de Matos e Ignácio Limeira. Vocês estão reunidos para preparar um levante contra os brancos que os escravizam. De repente, ouvem um murmúrio do lado de fora do armazém e se dão conta de que lá estão o juiz de paz do 2º Distrito da freguesia da Sé, o tenente da polícia e mais dois soldados, perguntando ao alfaiate Domingos se ele não saberia de uma reunião de negros escravos. Neste momento, vocês discutem o que deveriam fazer já que o levante estava combinado para ocorrer de manhã e agora os soldados estavam investigando sobre “reuniões secretas de escravos”. O mestre Manoel, tão experiente como você, diz que é melhor “enfrentar seus inimigos do que fugir deles” e que “Alá havia de proteger os justos nas causas justas”. Você concorda, mas não sabe se deveriam antecipar o início da batalha planejada tão minuciosamente durante meses e que tinha como principal ponto o “fator surpresa”.

Se você decide apoiar “Pai Manoel” e começar logo o levante, vá para página 13.

11

Se você acredita que avançar sobre os soldados neste momento é muito precipitado vá para página 24.

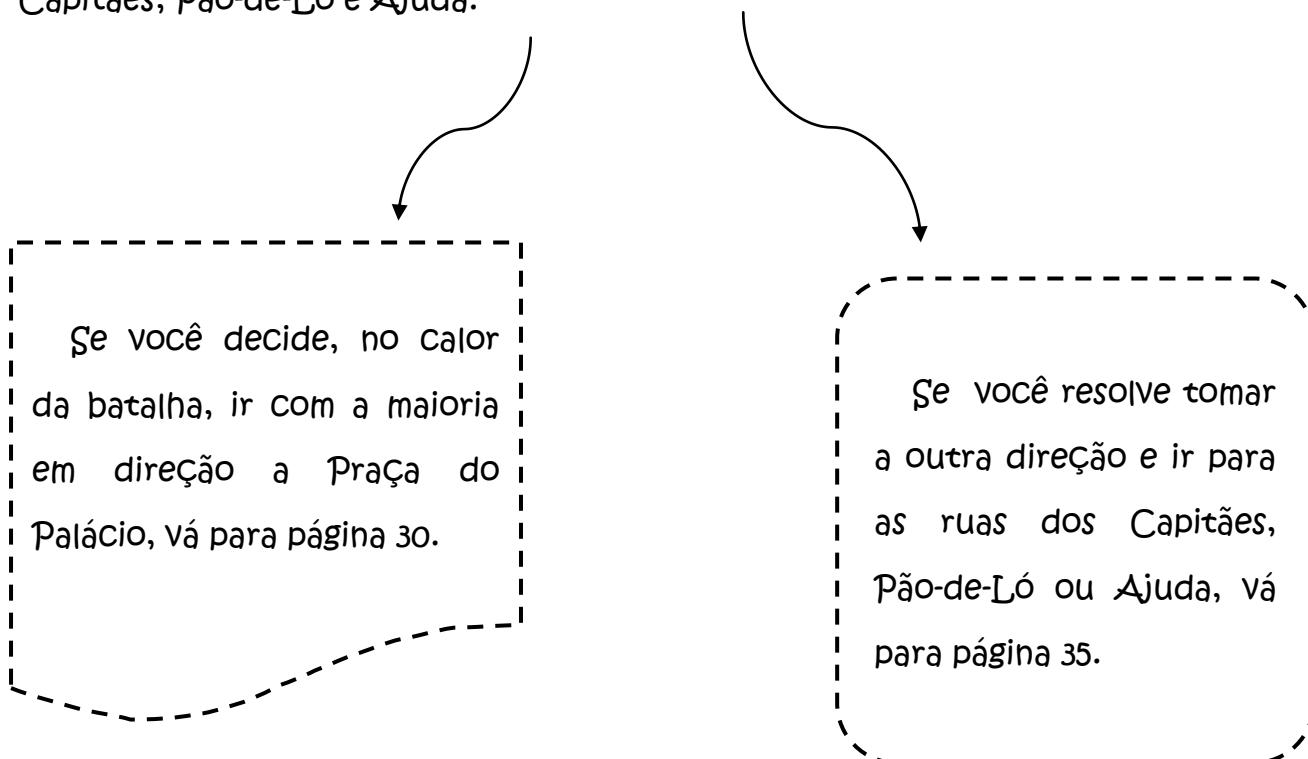
Após a fofoca de Guilhermina, seu vizinho, André encaminha a denúncia ao juiz do primeiro distrito da freguesia da Sé, José Mendes Costa Coelho.

Se você quiser descobrir o que se passa em frente ao sobrado da ladeira da Praça, mencionado por Guilhermina, verifique a página 20.

Se você quiser avisar membros da patrulha sobre o conflito, fuja para a página 46.

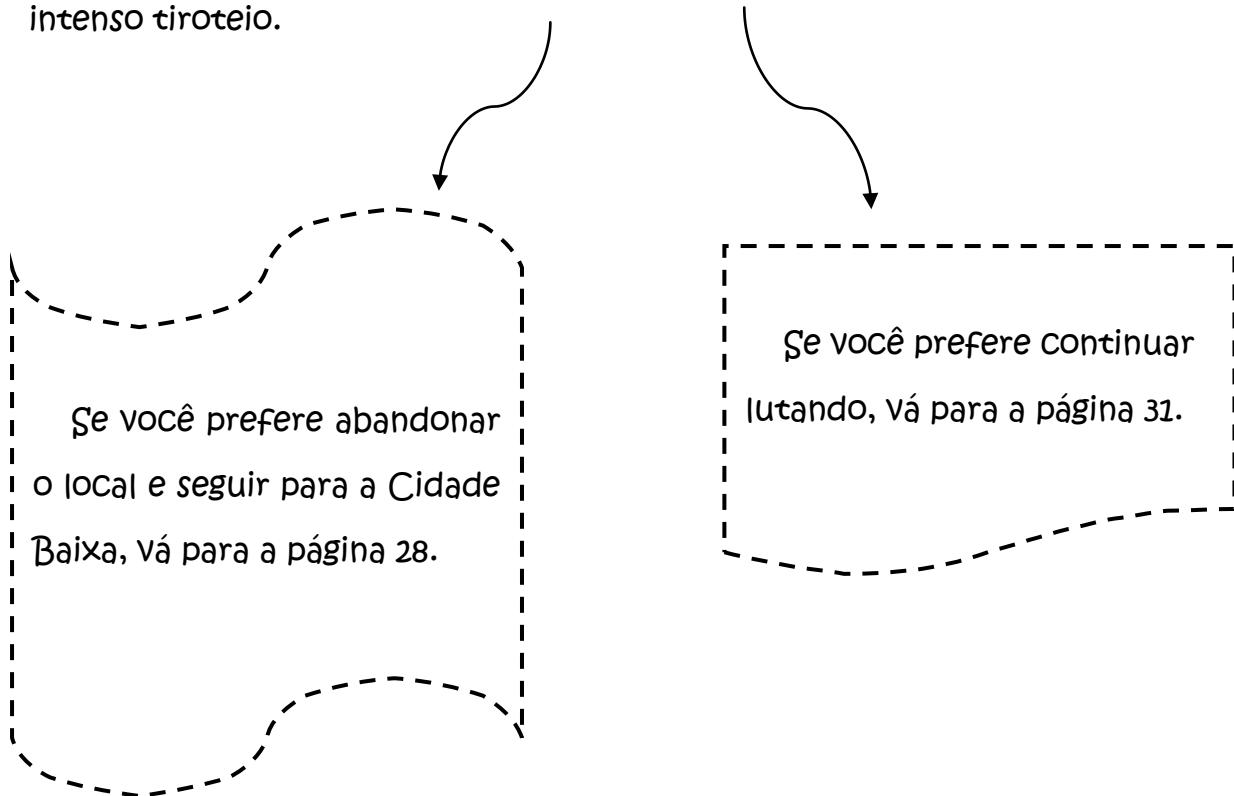
Você e seus companheiros somam um grupo de mais ou menos cinquenta africanos e resolvem atacar os soldados antes que descubram todo plano. Assim, no momento em que os soldados estavam prestes a arrombar a porta do armazém, vocês se antecipam e abrem-na subitamente, e partem para batalha gritando “mata soldado” e outras palavras em árabe, para dar força na batalha. A partir daí, o levante começa!

Alguns companheiros rebeldes tombam ali mesmo na ladeira da Praça, mas vocês desbaratam os soldados que acompanhavam o tenente da polícia e o juiz de paz. O grupo se divide e segue vários caminhos pelas ruas de Salvador, em conflito constante. A maioria segue ladeira acima em direção à praça do Palácio, não muito longe, enquanto os demais tomam outros rumos em direção às ruas dos Capitães, Pão-de-Ló e Ajuda.

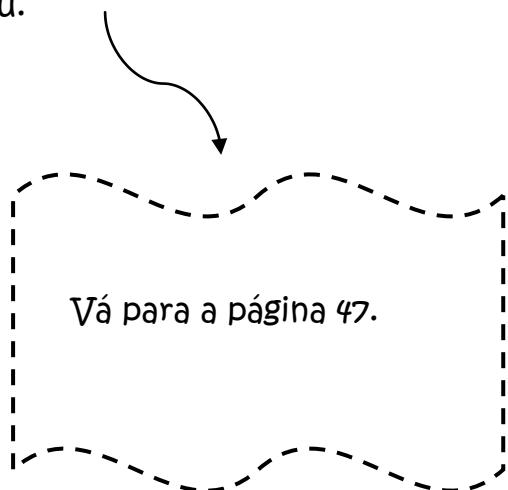


Você e seu amigo se juntam a um grande número de rebeldes, que vinham aumentando bastante desde a descida da ladeira da Praça, já que vários negros, como você, foram despertados no meio da madrugada e avisados do levante. Vários africanos que estão ali são haussás e nagôs.

Você, Gaspar e o grupo rebelde seguem na direção da Praça do Palácio, onde tentam forçar a retirada do mestre malê da cadeia. Os guardas começam um intenso tiroteio.



Você é um escravo de ganho. Mesmo sendo um escravo e concordando com as reivindicações do movimento, você estava com medo dos possíveis desdobramentos e não confia no sucesso do levante. Por essa razão, resolve continuar com o seu trabalho no cais como se não tivesse escutado nenhuma conversa sobre o movimento. No fim do dia, após a longa jornada de trabalho, você foi rapidamente para casa a fim de ficar com a sua família e protegê-los do que estava por vir. No caminho você sofreu um acidente e algo inesperado aconteceu.



Você é Fortunato José Cunha. É noite e o visitante te entrega um bilhete de um ex-escravo seu, chamado Domingos Fortunato.

Fiel a você, ele tenta te avisar que alguns negros, comandados por um tal de Ahuna, pretendem fazer um levante contra os brancos pela manhã.

Você não dá importância e continuou seus afazeres, afinal tem festa amanhã.

No outro dia, fica sabendo que poderia ter ajudado os seus, pois o levante realmente aconteceu.

Infelizmente era tarde, você ficou de fora.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

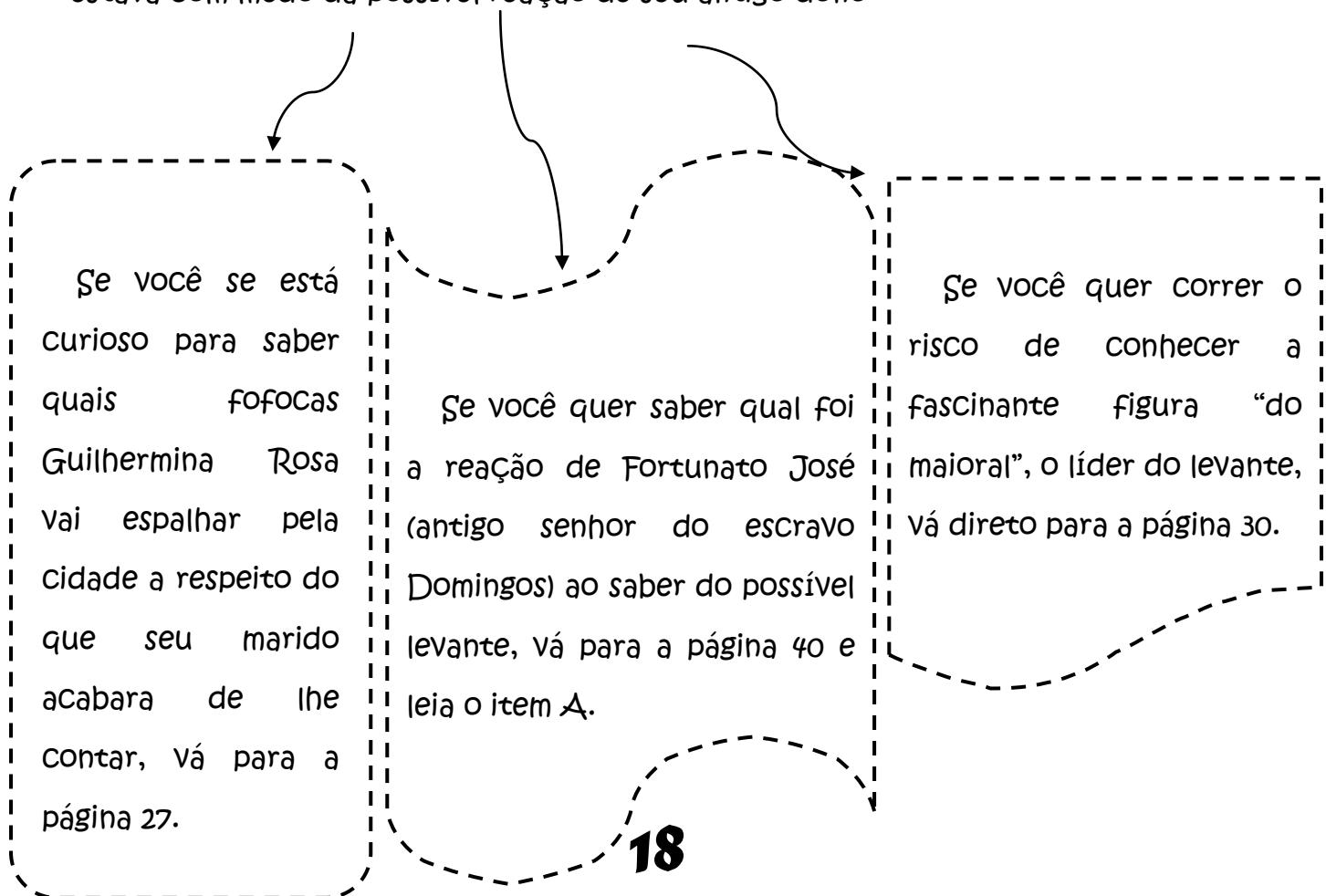
Perturbado com a notícia, você decide agir.

Se você tem aptidão para administrar e mandar, vá para página 22.

Se você gosta mais de armas, desembainhe sua espada e vá com ela até a página 23.

Se você gosta mais de leis, vá até a página 19.

Você é o africano **liberto** Domingos Fortunato. No início da noite, após o fim do trabalho, você foi para casa e, indignado com o que havia escutado no cais, conta tudo para sua mulher. Ela se chama Guilhermina Rosa, também é uma escrava liberta, e ficou conhecida na cidade por ser uma autêntica “linguaruda”. Você conta para ela sobre a agitação dos negros de saveiro que comentavam entusiasmados a respeito do **movimento** intenso de escravos que haviam chegado de Santo Amaro, no Recôncavo. O assunto da conversa não poderia ser outro senão a reunião desses escravos que tinham por objetivo se unir ao seu líder, o “maioral” africano de nome Ahuna, para promover um levante no **alvorecer** de domingo em Salvador. Você, Domingos, sendo muito leal ao seu antigo senhor, tratou de fazer a notícia chegar aos ouvidos dele por meio de um bilhete, pois estava com medo da possível reação de seu antigo dono



Você é José Mendes Costa Coelho, Juiz de Paz do 1º Distrito da freguesia da Sé. Era tarde da noite quando bateu à sua porta André Pinto Silveira, Antônio de Souza Guimarães e Francisco Antônio Medeiros, que foram avisados pela liberta nagô Sabina Cruz, vizinha de André, que ouviu falar de conspiradores negros reunidos em uma casa, próxima a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe. Fiel aos brancos, pois havia sido libertada, ela resolve dar com a língua nos dentes.

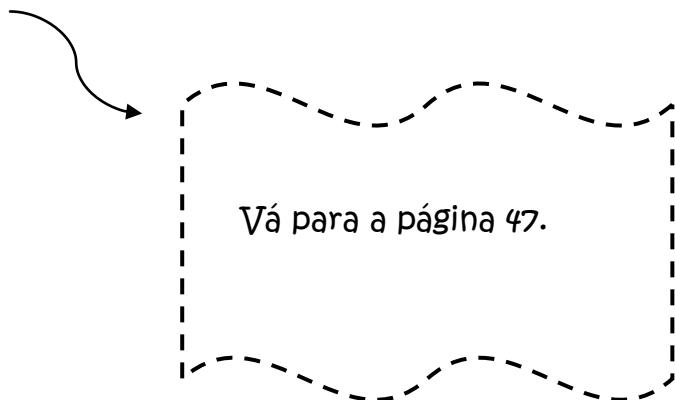
Você decide ir ao palácio do presidente da província. No caminho, encontra o comandante da Guarda Municipal Permanente, coronel Coelho de Almeida Sande, e o comendador José Gonçalves Galvão.

Juntos, vocês chegam até o
Palácio na página 25.

Você é um soldado subordinado ao chefe da polícia, que recebe uma denúncia de que em alguma casa na ladeira da Praça estaria havendo uma reunião suspeita. Domingos Marinho de Sá, dono de um armazém no número 2, aparece na janela, e se comporta de maneira estranha, sugerindo que vocês entrem por ela.

Achando a ideia descabida, você estão prestes a arrombar a porta quando ela é subitamente aberta para dar passagem a um número estimado entre cinquenta e sessenta africanos, que saem atirando, agitando suas espadas, aos gritos de "mata soldado" e palavras numa língua que você não conhece. Outro grupo escapa ao cerco pulando o muro do quintal, que faz fronteira com a casa de dois libertos negros, Joaquim de Matos e Ignácio Limeira.

Os rebeldes desbaratam seus surpresos adversários, coisa que se repete várias vezes nas ruas de Salvador naquela noite. Você, soldado permanente, participante de uma pequena escaramuça na ladeira da Praça, lutava bravamente a favor das autoridades locais.



Você fica em casa e volta a dormir. Sai iluso e permanece o restante de sua vida como escravo de ganho, dando dinheiro para seu senhor.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

Você é Francisco de Souza Martins, presidente da província recém-nomeado.

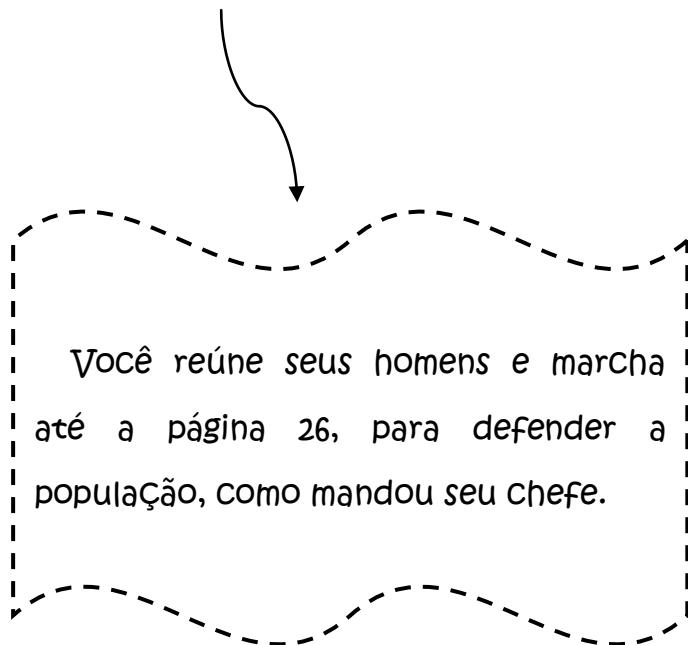
É tarde da noite quando você abre a porta para o Juiz de Paz do 1º Distrito da freguesia da Sé, José Mendes da Costa Coelho, que está acompanhado do comandante da Guarda Municipal Permanente, coronel Coelho de Almeida Sande e do comendador José Gonçalves Galvão.



Acompanhe a reunião na
página 25.

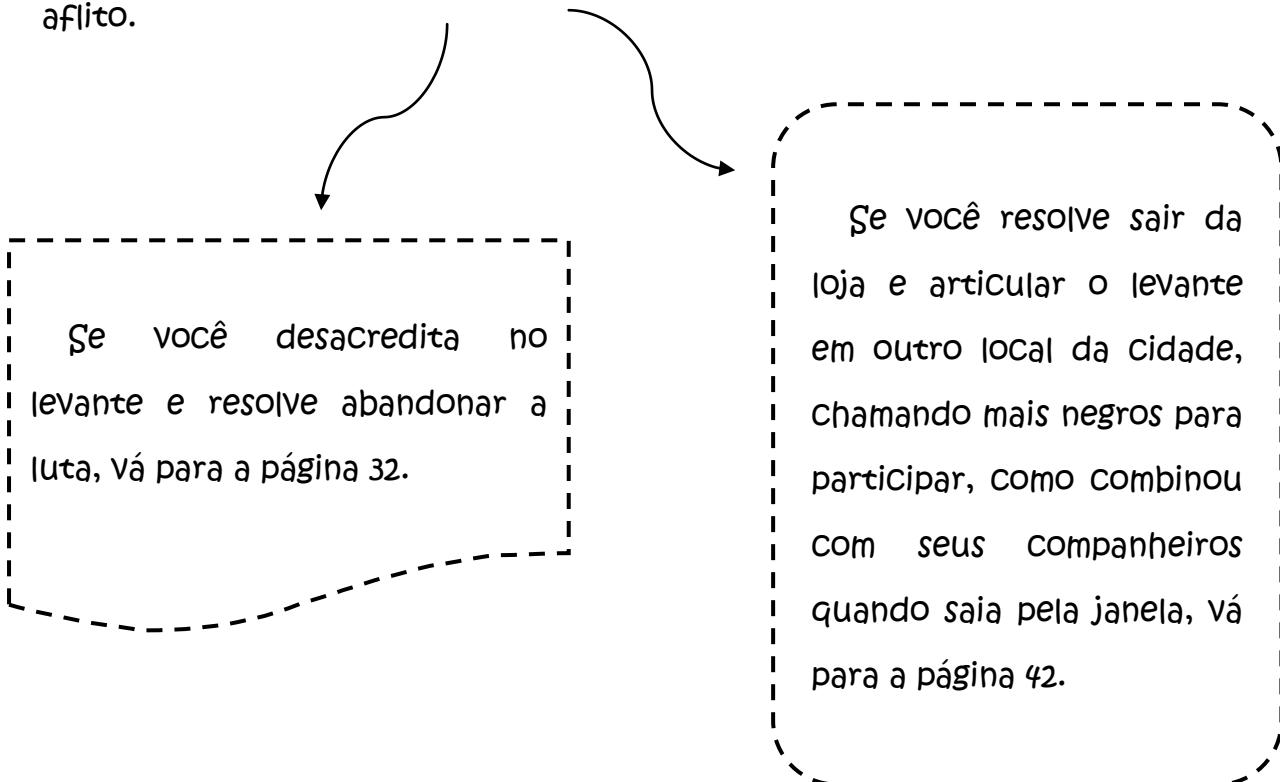
Você é o chefe de Polícia Francisco Gonçalves Martins.

É por volta das 23 horas quando bate a sua porta um homem esbaforido, vindo a mando do presidente da província, Francisco de Souza Martins. Ele recebeu uma denúncia de que negros estavam reunidos conspirando um levante.



Você reúne seus homens e marcha
até a página 26, para defender a
população, como mandou seu chefe.

Como você é considerado um grande alufá (líder malê), seus companheiros lhe permitem sair do armazém de mestre Manoel pela janela. Você consegue escapar da confusão, mas está em dúvida sobre o que fazer, a aparição da polícia te deixa aflito.



O Juiz de Paz do 1º Distrito da Freguesia da Sé, José Mendes Costa Coelho, avisa ao presidente da Província, Francisco Souza Martins, que recebeu a denúncia de que escravos e negros libertos, sob o comando de um homem chamado Ahuna, pretendiam aproveitar que os brancos estariam distraídos com a celebração de Nossa Senhora da Guia para se rebelar pela manhã.

O clima já estava tenso, pois um negro já idoso, chamado Pacífico Licutan, havia sido preso em novembro do ano anterior, por causa de dívidas de seu proprietário, e sua figura exercia uma espécie de influência sob os demais, sendo procurado por outros negros com uma certa constância, o que preocupava as autoridades locais.

A população de africanos e descendentes era maioria na Bahia, então, era necessário agir com rapidez.

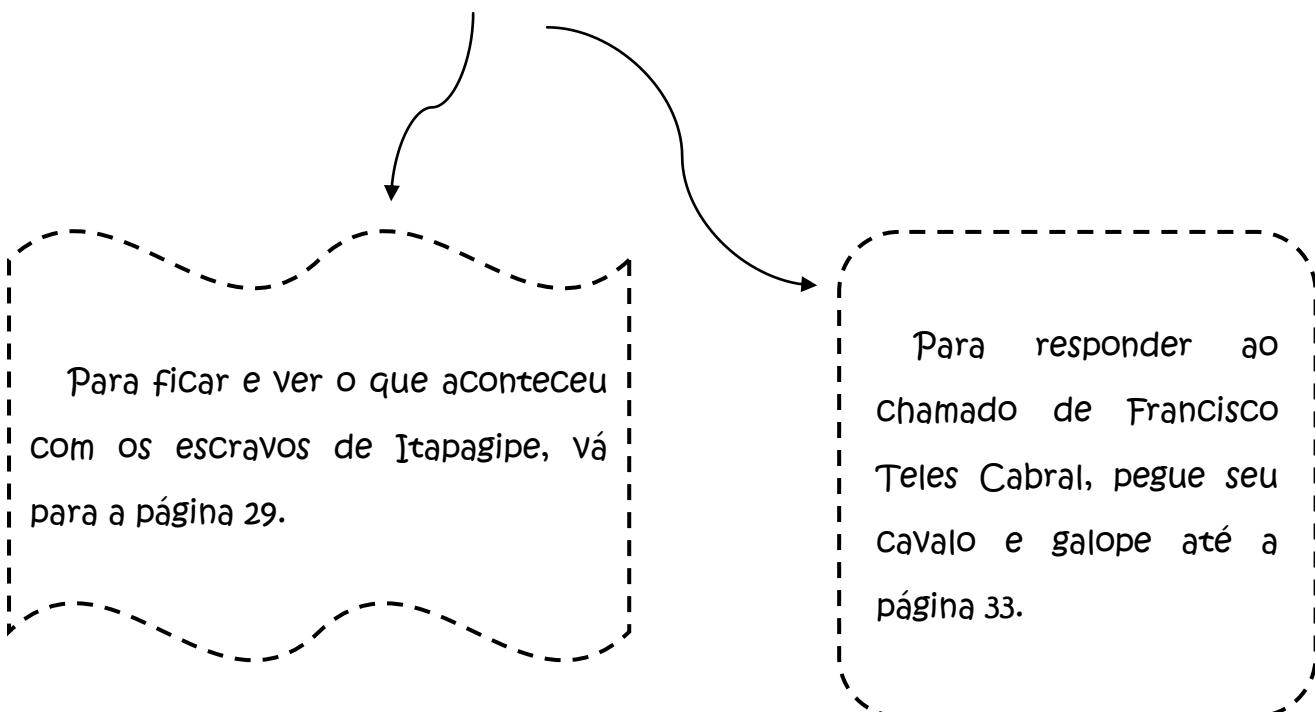
Para ver o que o presidente determinou ao chefe de polícia, vá para a página 26

Para continuar no palácio do presidente, permaneça com ele na página 36.

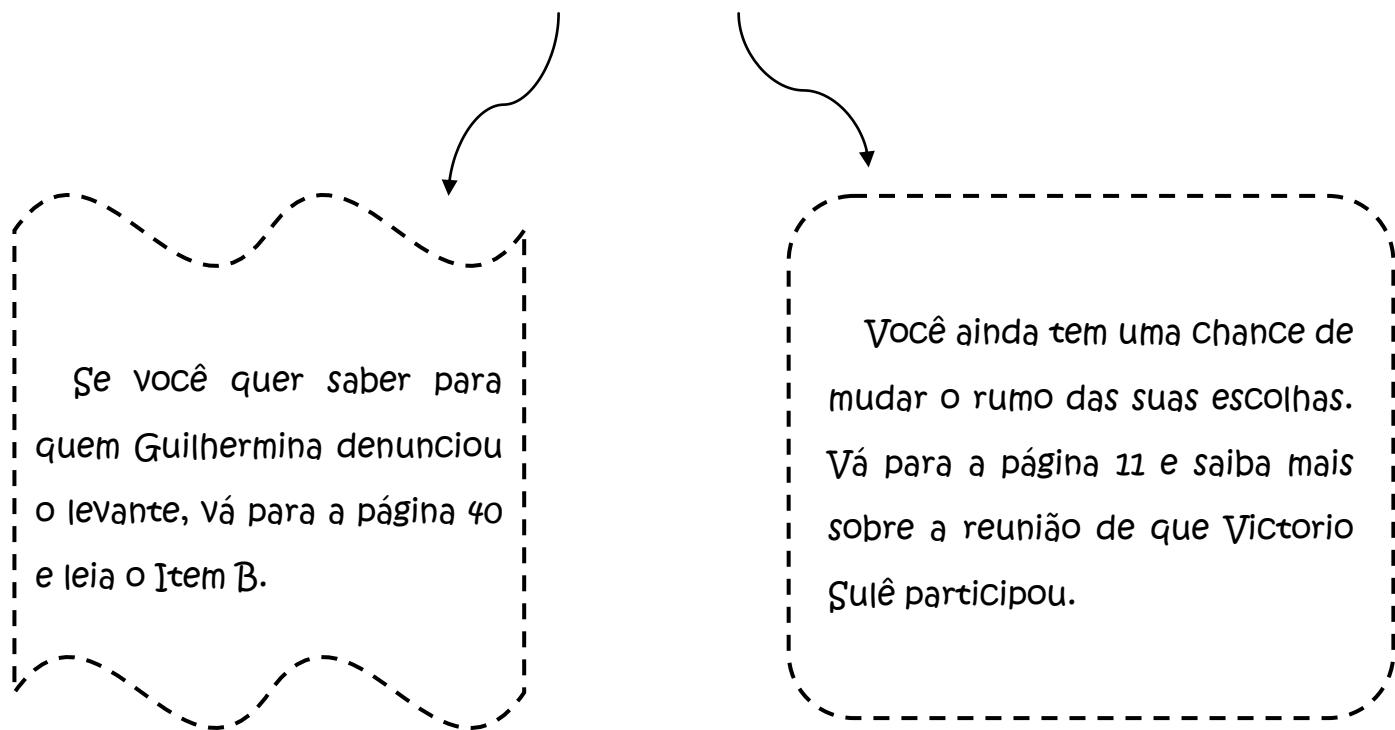
Para acompanhar os Juízes de Paz, vá para a página 37.

Após reunir seus homens, o chefe de polícia vai atrás de pistas indicadas pela escrava Sabina da Cruz, fazendo diligência nas casas nos arredores da Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe. Nada encontrando, eles se dirigem à região do Bonfim, para proteger as pessoas de um possível levante dos escravos dos engenhos de Itapagipe, mas lá tudo permanece calmo.

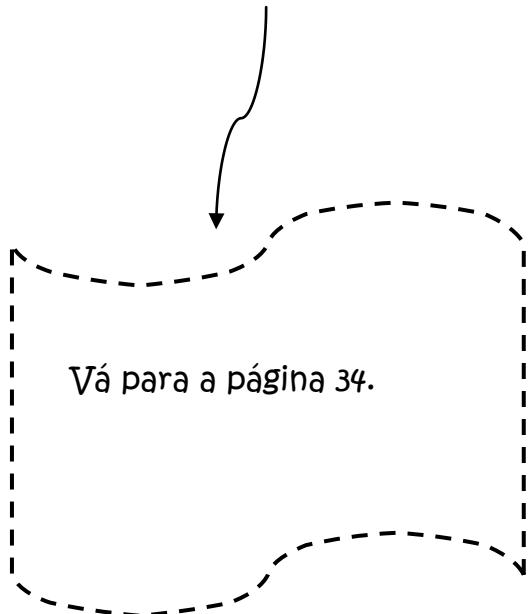
No início da madrugada, um pedido de reforço chega pela mão de três soldados, enviados pelo comandante da Cavalaria, Francisco Teles Cabral.



Guilhermina, depois de ouvir as novidades trazidas pelo seu companheiro, resolve se informar mais sobre o assunto e fica à espreita, na janela, ouvindo a conversa de dois ou três negros que passavam por ali. Deles, escuta que o levante aconteceria realmente ao **toque da alvorada** (cinco horas da manhã), exatamente no momento em que os escravos costumam se dirigir às fontes para apanhar água. Como se não bastasse isso, a comadre Sabina foi ao encontro de Guilhermina para lhe contar, indignada, que havia flagrado o seu marido, Victorio Sulê, em um jantar junto com “o maioral” e mais umas dezenas de outros africanos, na preparação dos últimos detalhes da **revolta** do dia seguinte. A visita de Sabina foi o tempero que faltava para que ela espalhasse as recentes descobertas para as pessoas certas. Desde então ela passou a ser considerada a “grande delatora”, ou seja, a principal responsável por **denunciar** o movimento.



Você e seu amigo Gaspar tomam o caminho da Baixa do Sapateiro, onde matam dois mulatos. Prosseguem até a Cidade Baixa, para tentar abandonar a cidade, mas são interceptados em Água de Meninos.



Vá para a página 34.

Ficam 18 homens a mando do chefe de polícia, que recebem ordens expressas para colocar a população dentro da igreja em caso de perigo.

A madrugada passa lenta e silenciosa. Tudo calmo por aí.

Pela manhã, o chefe de polícia volta, acompanhado de 80 homens, para ver o que tinha ocorrido por lá. Ao constatar que estava tudo calmo, conta o que aconteceu no centro de salvador.

Você não foi, você não viu.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro Caminho.

Você é o escravo Ahuana, escravo de ganho de um homem que morava na roça nas Rua das Flores e que vendia, contra sua própria doutrina, “água de gasto”, isto é, água limpa para cozinhar. Segundo a doutrina islâmica, alguns recursos básicos como a água não podem ser comercializados. Você tem uma cicatriz em cada lado do rosto, marcas da sua etnia iorubá, e é alto e forte. Seus companheiros rebeldes o consideram “o maioral”.

Ahuana é uma *limano* ou *imã* (autoridade no islamismo) ou mesmo uma espécie de *Salangberu da Bahia* (líder máximo dos mulçumanos nagôs da Bahia). Sua viagem ao Recôncavo Baiano, dias antes, foi crucial para organizar os escravos das fazendas, sobretudo da cidade de Santo Amaro. A revolta só poderia acontecer com a seu retorno desta missão. Muitos de seus companheiros rebeldes diziam que só entrariam na luta se o alufá Ahuana estivesse presente. Assim, foi fundamental sua presença na batalha que se iniciou na madrugada de 25 de Janeiro de 1935.

Você luta bravamente no levante, conseguindo agregar uma série de outros escravos que não haviam participado dos preparativos. Perde muitos amigos e companheiros, mas continua lutando até o fim. É capturado no amanhecer do dia 25, quando o levante já estava contido pelas autoridades escravistas locais.

Colocado no “rol dos culpados”, é indicado por vários companheiros como o principal articulador do levante e condenado a pena máxima do Império: a pena de morte.

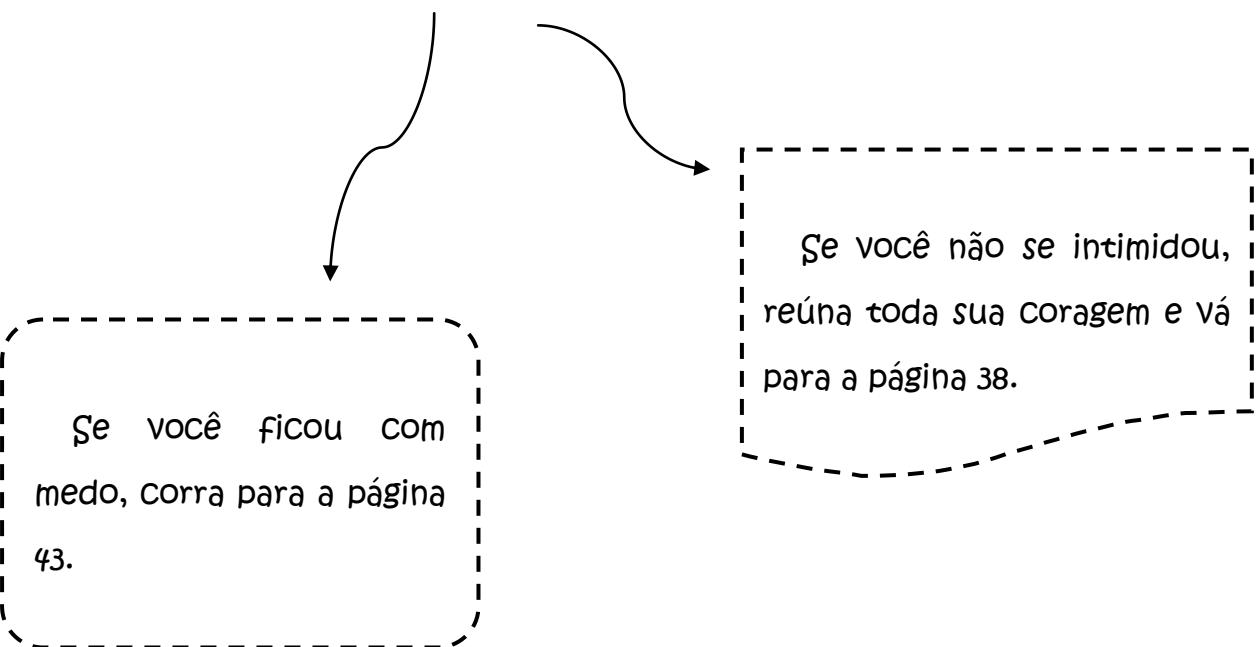
FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

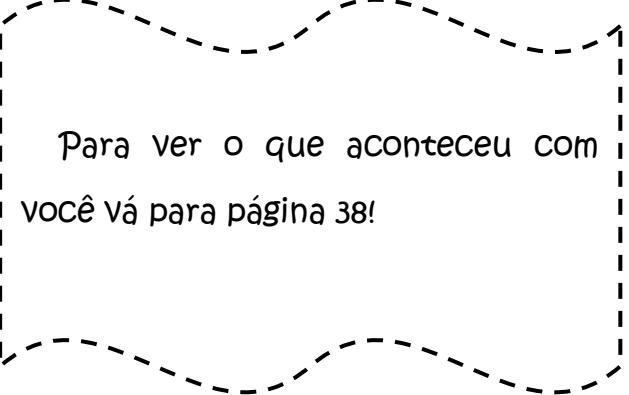
Você se chama Matias, sua etnia é mina, é negro liberto. Nos fins de tarde, você se reúne com outros africanos, quando toma parte de discussões sobre ideias de libertação.

O seu companheiro Gaspar foi reconhecido como importante líder da Revolta pela sua coragem. Gaspar estava presente na casa da Ladeira, onde ocorreu a última reunião, e foi um dos destaques no combate que sucedeu ao encontro com o corpo de soldados.

Agora, vocês dois estão enfrentando a cavalaria, mas o grupo chamado pelo juiz de paz é maior e vocês estão em desvantagem.



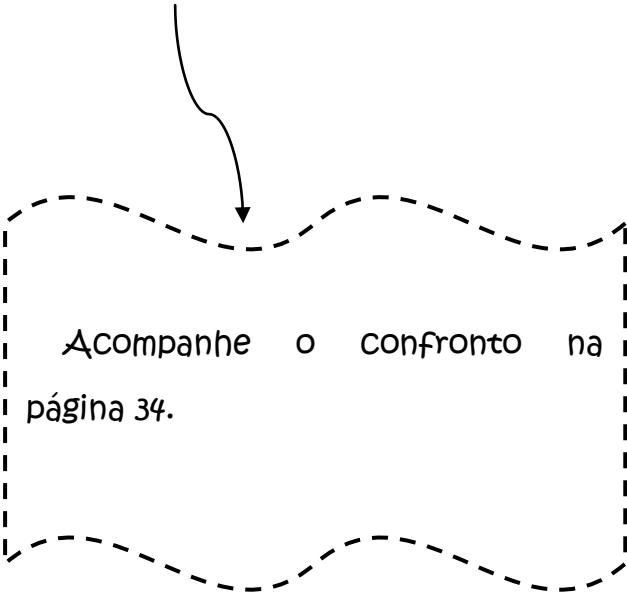
Você sai pela janela do armazém e vira uma rua a direita para fugir. Infelizmente encontra os soldados e o tenente de polícia que prontamente tentam te prender. Você acaba lutando com eles e fica gravemente ferido.



Para ver o que aconteceu com
você vá para página 38!

O chefe de polícia volta a todo galope e chega ao Quartel da Cavalaria por volta das 3 horas da manhã.

De lá, ele ouve o barulho da turba de revoltosos se aproximar.



Acompanhe o confronto na
página 34.

Os rebeldes já haviam passado por várias regiões da cidade. A massa de revoltosos foi ganhando corpo, apesar de algumas baixas.

O Quartel da Cavalaria fica em Água dos Meninos. Se os rebeldes quisessem ir para a região do Bonfim, para tentar o apoio dos escravos dos engenhos, ou se eles quisessem ir para o Recôncavo, teriam que passar por lá. Não havia outro caminho.

Ao ouvir o barulho da turba de revoltosos, os soldados se refugiaram no quartel e ficam a postos do lado de dentro. Homens montados esperam em alerta do lado de fora.

Os escravos não atacam o quartel, eles pretendem passar por uma rua ao lado. São aproximadamente 60, com lanças, espadas, porretes e pistolas, e são recebidos à bala pelos soldados aquartelados de um lado, e da cavalaria de outro.

É a batalha final!

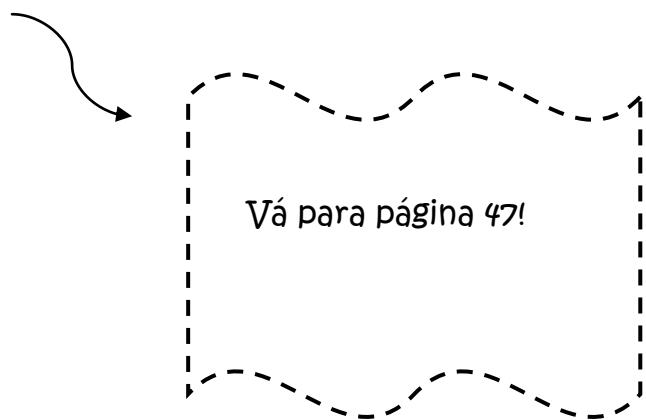
Rapidamente, os cavaleiros jogam seus cavalos em cima dos rebeldes e começa a sangrenta caça aos negros. Muitos tombam ali mesmo. Outros conseguem fugir. Alguns correm até o mar, onde morrem afogados. Outros, feridos, são presos e desses uma parte acaba morrendo por causa dos ferimentos.

Para saber o que aconteceu com o chefe de polícia, que participa da batalha, vá para a página 41.

Para acompanhar os juízes, e saber o que aconteceu com os revoltosos, ponha sua melhor roupa e vá até a página 44.

Se você tiver curiosidade para saber o que acontece com um dos negros que participou do levante e não morre, vá até a página 45.

Logo que você resolve tomar essa direção, encontra com dois jovens escravos, um crioulo (que nasceu no Brasil) e outro da etnia haussá (trazido da África da região onde hoje é a Nigéria) e o inesperado te acontece.



O presidente da província decide agir rapidamente.

Imediatamente, ele manda reforçarem a guarda do palácio, com o coronel Sande, que chegou junto com o Juiz de Paz do 1º Distrito da Freguesia da Sé.

Também manda avisarem o chefe de polícia e ordena um alerta geral nos quartéis da cidade.

Aos Juízes de paz, ordena que dobrém as rondas noturna e que avisem os inspetores de quarteirão.

Para proteger o litoral, manda a fragata Baiana vigiar o mar de Salvador, para impedir que os rebeldes tomem os navios ancorados na baía e os utilizem para fugir ou ir até o Recôncavo atiçar os escravos dos engenhos.

Aos Juízes de Paz do 1º e 2º Distrito da freguesia da Sé, dá ordens mais específicas;

Para ver o que ele determina ao chefe de polícia, pegue sua arma e vá até a página 26.

Se você quer continuar protegido no palácio, vá até a página 44.

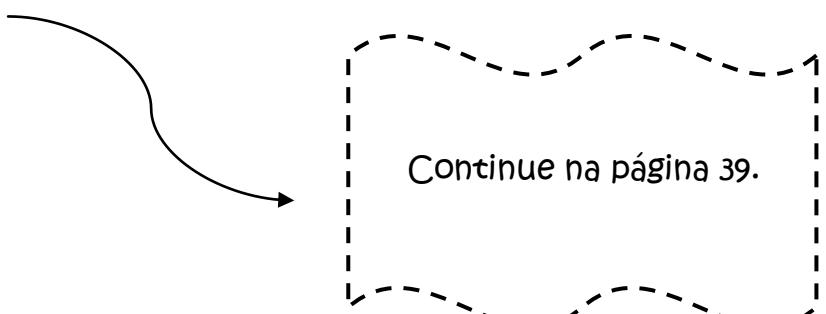
Para acompanhar os Juízes de Paz, vá até a página 37.

Os Juízes de Paz do 1º Distrito da freguesia da Sé, José Mendes Costa Coelho, e o Juiz de Paz do 2º distrito da mesma freguesia, Caetano Vicente de Almeida Galeão, são incumbidos de revistar as casas nas proximidades da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em busca dos conspiradores, seguindo as orientações da negra Sabina Cruz.

Em vão batem em várias casas, mas, no sobrado de número 2 da ladeira da Praça, algo chamou atenção.

Quem os atende é Custódio José Ferandes, irmão do morador do 2º andar. Ele diz que notou um movimento suspeito no armazém que fica no subsolo da propriedade. Os juízes decidem investigar e falam com o alfaiate mulato Domingos Marinho de Sá, que vivia no térreo com a companheira Joaquina da Rosa Santana, o filinho de colo e um escravo nagô chamado Ingnácio. Ele disse as autoridades que os moradores do armazém, Manoel Calafate e Aprígio, eram tranquilos, trabalhadores. Contudo, os juízes desconfiaram e insistiram em ver o local. Tenso, o alfaiate diz que perdeu a chave, mas os convida entrar pela janela.

Galião, acompanhado pelo tenente de polícia Lázaro Vieira do Amaral e dois soldados decidem ir até a porta para arrombá-la, mas não é preciso: a porta abre e um grupo de mais de cinquenta homens sai atirando e gritando “mata soltado” e outras palavras que eles não puderam entender. Uma parte do grupo escapa pela janela e a turba de revoltosos ganha às ruas no início da madrugada.



Continue na página 39.

Você permanece lutando até ser baleado. Você é preso pelas autoridades e morre na cadeia, em decorrência dos ferimentos, antes de ser julgado.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

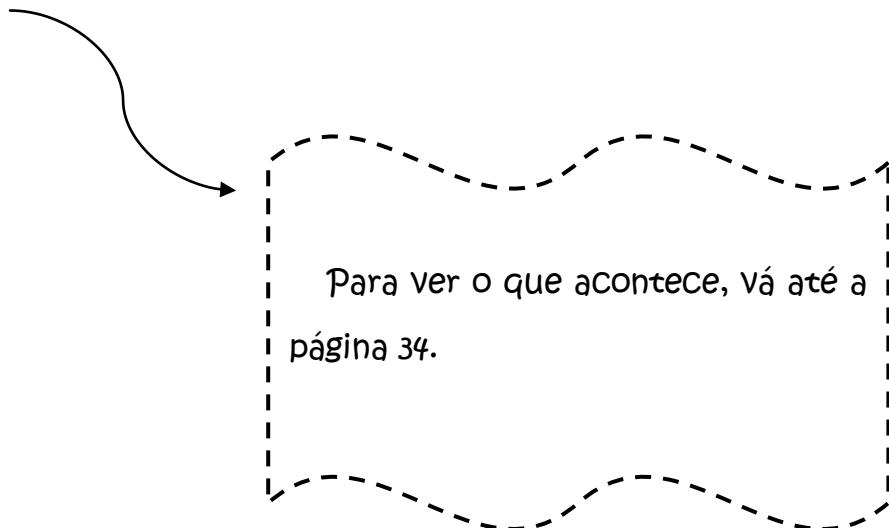
Um grupo se bate na ladeira da Praça e depois desembesta pelas ruas de Salvador. A maior parte do grupo vai em direção a praça do Palácio, que já estava com proteção redobrada. A turma vai ganhando corpo, pois muitos outros homens se juntam aos rebeldes, que batem às portas incitando os negros a se levantar.

O grupo maior se dirige a prisão, que ficava no subsolo da Câmara Municipal, para tentar libertar Pacífico Licutan, mas não tem sucesso.

Há um tiroteio em frente ao palácio e os rebeldes recuam. Uma parte deles vai até o Convento das Mercês, pois contam lá com a ajuda de um sacristão, o escravo nagô Agostinho. De lá, vão para o Forte de São Pedro, mas não atacam, pois lá é a sede do Balhão de Infantaria. Seria suicídio. Voltam ao convento para se proteger.

Um outro ataque vai ao quartel de polícia, no largo da Lapa. Há baixas dos dois lados, e não conseguem tomar as edificações.

De lá, no meio da madrugada, correm para a direção de Água de Meninos.



Para ver o que acontece, vá até a página 34.

A

Infelizmente, Fortunato José não acreditou na sua denúncia. Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

B

Guilhermina, assim como seu marido, é muito leal ao seu antigo senhor, então, logo que se despede da sua comadre vai correndo denunciar o movimento para ele. Além disso, conta toda a história para o seu vizinho branco, André Pinto da Silveira que, acompanhado de uns amigos, decide encaminhar a denúncia ao Juiz de Paz. Siga com André para a página 12

Finda a batalha, o chefe de polícia se gaba do seu corpo de soldados ter sido o único a tomar a ofensiva no Quartel da Cavalaria.

Mas, há quem diga que, na verdade, no começo da noite quando o levante ainda não passava de boataria, ele demorou a agir. Há quem fale, também, que ele não deveria ter ido para Bonfim e que deveria ter lutado no centro de Salvador desde o primeiro confronto.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

Ao sair pela janela, você se depara com uma confusão entre seus companheiros e a polícia da província.

Resolve seguir para o lado da praça do palácio do governo, onde luta bravamente. Porém, é preso e vê seu desejo de liberdade se transformar em cárcere.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

Você é preso e, na prisão, chora muito em saber que vários de seus companheiros morreram na batalha. Alguns meses depois, você é condenado pelo juiz de paz do Distrito da freguesia da Sé, por falta de provas. Mas é expulso do Brasil, e obrigado a voltar para a África. Você sofre muito, pois era liberto e tinha uma rede de amizade e intimidade que é desfeita violentamente. Você é deportado para África e pensa que retornará a sua terra natal, como sempre desejou. Porém, você é levado para outra região da África, onde é novamente escravizado. Morre pouco depois, muito triste, mas sabendo que se o levante não ganhou, pelo menos você tentou mudar sua vida e de seus companheiros.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

Finda a batalha, é hora de contar os mortos e os prejuízos.

Foram 10 baixas do lado do governo e 70 do outro lado.

Os mortos rebeldes são enterrados em uma vala comum, fora dos campos da igreja, ou seja, e sem nenhum direito a terem as almas encomendadas, fosse qual religião professassem.

Os sobreviventes recebem sentenças diferentes. Alguns são apenas presos, outros são presos com trabalho forçado, alguns são açoitados. As chibatavas variam de 300 até 1200, dadas ao longo de vários dias e pelo menos um homem, o nagô Narciso, morre.

São enviados para a África os libertos presos como suspeitos, mas que nenhuma prova pudesse ligá-los de fato ao levante. Absolvidos, eles foram expulsos do país.

A pena de morte é imposta a 16 dos acusados, mas só 4 são executados: o liberto Jorge da Cruz Barbosa, e escravos nagô Pedro, Gonçalo e Joaquim. Todos são fuzilados no dia 14 de maio de 1835.

É o fim da rebelião, com vitória aclamada pelo brancos, mas as autoridades locais se mantêm em alerta constante, afinal, eles estão em minoria na sociedade baiana.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

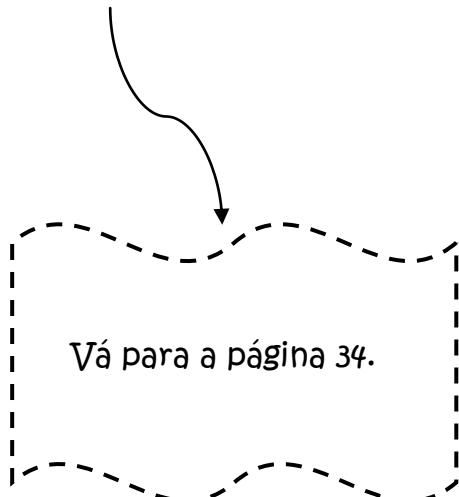
Há um abrandamento nas rondas, você consegue ficar deitado na terra até a alta manhã. Ouve palmas intercaladas a pisadas próximas, até ser levantado por um preto que o amarra em panos. Você segue até os quilombos da Mata Escura, passando pela localidade conhecida como Cabrito, onde os negros da zona urbana iriam se reunir com os dos engenhos para o levante, o que não aconteceu.

No quilombo, você conta os episódios ocorridos para seus novos parceiros quilombolas, com os quais você vive até o final de seus dias.

FIM

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

Você vai até o quartel buscando o auxílio às autoridades.



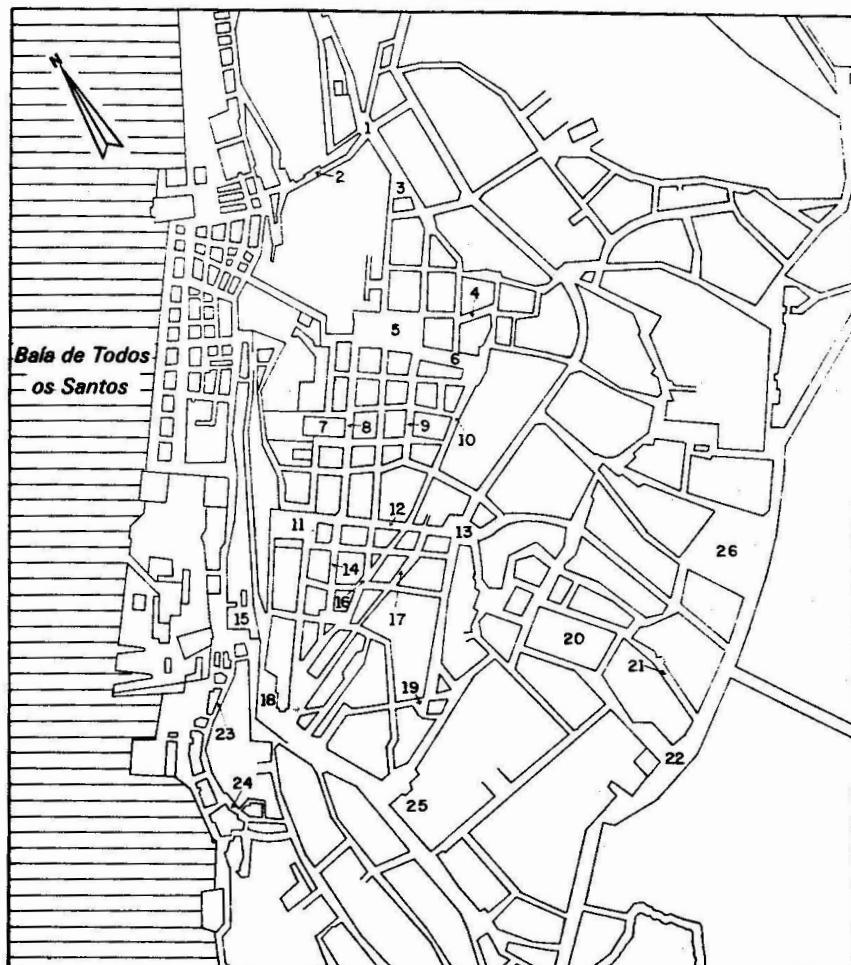


VOCÊ MORREU!

Se quiser conhecer a história de outro personagem, volte para a página 7 e tome um outro caminho.

Mapa de Salvador na época da Revolta dos Malês

O Centro de Salvador



Fonte: Planta da Cidade de São Salvador, Bahia, organizado pelo engenheiro Adolfo Morales de Los Rios e aprovada em 30.3.1894.

Locais mencionados no texto

- | | | |
|-------------------------|--------------------------|---------------------------|
| 1. Baixa dos Sapateiros | 10. Rua de São Francisco | 19. Barroquinha |
| 2. Ladeira do Taboão | 11. Praça do Palácio | 20. Quartel da Palma |
| 3. Pelourinho | 12. Ladeira da Praça | 21. Rua da Mangueira |
| 4. Rua da Laranjeira | 13. Largo do Guadalupe | 22. Largo da Lapa |
| 5. Terreiro de Jesus | 14. Rua da Ajuda | 23. Ladeira da Preguiça |
| 6. Cruzeiro | 15. Conceição da Praia | 24. Ladeira da Gameleira |
| 7. Igreja da Sé | 16. Pão-de-Ló | 25. Convento de São Bento |
| 8. Rua do Colégio | 17. Rua dos Capitães | 26. Campo da Pólvora |
| 9. Rua da Oração | 18. Teatro São João | |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- MUNANGA, Kabengele. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Para Entender).
- REIS, João José. *Escravidão e invenção da liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Eduardo e REIS, João José. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

O mapa da página 48 foi retirado do livro:

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 135.